



SENTIDOS DE NOMEAÇÕES DE ESCRITAS DE SI

Florisbete de Jesus Silva
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (Brasil)
Endereço Eletrônico: florisbete@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado, ainda em andamento, intitulada *Negras e negros do Brasil: enunciação e sentidos em escritas de si*. Analisamos, em escritas de si selecionadas por programa nacional de incentivo à leitura, os sentidos construídos para negras e negros brasileiros/as, bem como para elementos linguísticos a elas e eles relacionados, a exemplo da vida, da luta, das nomeações. Para tanto, utilizamos como *corpus* um relato de vida transformado em história infantil, por Caio Riter, intitulado *Pedro Noite*; uma entrevista transformada também em história infantil, pela Professora Nilma Lino Gomes, intitulada *Betina*; uma autobiografia da Professora Geni Guimarães, denominada *Leite do Peito*; um diário de Carolina Maria de Jesus, intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*; um diário de Esmeralda Ortiz, *O diário da rua*; uma coletânea de cartas de Joel Rufino, para seu filho Nelson, de 8 anos, intitulada *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, escritas pelo professor e escritor quando foi preso, no período da ditadura militar.

Designamos o *corpus* como escrita de si, partindo de estudos desenvolvidos por Diana Klinger (2006, 2008), que traz este conceito de Michel Foucault ([1983] 1992) para a literatura, afirmando que ele não pode se desvincular das novas tendências literárias que têm se firmado na cultura contemporânea, as quais estão atreladas a textos em que se registram a vida, o falar de si, em que o privado se torna visível, a intimidade transforma-se em um grande espetáculo, resultando numa proliferação de narrativas do eu. Assim, somam-se à escrita de si foucaultiana “outras formas modernas, que compõem uma certa ‘constelação autobiográfica’: memórias, diários, autobiografias e ficções sobre o eu” (KLINGER, 2006, p.39).

Para este trabalho, trazemos uma análise das nomeações de quatro do nosso *corpus*, com o objetivo de refletir sobre o ato de nomear é atravessado por um histórico de enunciações constituídas de sentidos socialmente construídos, produzindo, nesse movimento, uma futuridade. Interessa-nos discutir que compreender um nome apenas como um identificador de algo ou de alguém não é suficiente diante das relações

2764



sócio-históricas que esse nome traz, dos conflitos que se instauram no acontecimento da nomeação.

METODOLOGIA

Utilizamos, como aporte teórico, a Semântica Enunciativa do Acontecimento, desenvolvida no Brasil por Eduardo Guimarães ([2002] 2005, 2018), para quem os sentidos dos nomes próprios se constituem no acontecimento enunciativo. Esses nomes identificam socialmente pessoas, lugares, obras literárias, etc., partindo de enunciações passadas (memoráveis), mas o esquecimento da existência dessas enunciações faz com que funcionem como únicos. Esta unicidade do nome próprio é “uma construção da disparidade que acompanha seu funcionamento, o que ele significa numa dada enunciação é toda sua história de nomeações, renomeações e referências realizadas, com suas temporalidades próprias” (GUIMARÃES, [2002] 2005, p. 42).

Essas referências não possuem sentidos fixos, elas são consideradas como uma exterioridade produzida pela linguagem, na enunciação. Nomear algo ou alguém é colocar esse acontecimento em relação social com outros acontecimentos de nomeação, é produzir sentidos para esse nome por meio de um memorável que se recorta, construindo uma relação específica entre o nome e o nomeado. Assim, a referência se dá mediante a construção de sentido para o nome, sua designação, a qual é historicamente produzida (GUIMARÃES, 2018).

ANÁLISE: RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. LEITE DO PEITO (GENI GUIMARÃES)

O nome que identifica a autobiografia de Geni Guimarães [*Leite do peito*] é composto por uma articulação por dependência que estabelece uma relação de unidade. Este nome, embora funcione como próprio, único, é uma enunciação que se relaciona com outros acontecimentos da amamentação, ao alimento disponibilizado ao ser humano em sua primeira fase da vida.

Na designação *Leite do Peito* há uma enunciação que, do lugar enunciativo materno, ancorado em um enunciador-universal (que se apresenta como o lugar que garante a verdade sobre algo), nomeia o líquido alimentício produzido pelo corpo da mulher que vai ser mãe biológica. Uma outra enunciação que aí se apresenta agencia o Locutor a tomar a palavra do lugar enunciativo da ciência, mobilizando novamente o

2765



enunciador-universal para estabelecer esse nome, e não outro, para esse alimento produzido pelo corpo feminino, considerado por esse lugar de dizer como a primeira e principal fonte de nutrição dos recém-nascidos.

Assim, no acontecimento de nomeação da escrita de si de Geni Guimarães temos um dizer que se constrói do lugar social de locutor-escritor, o qual, associado a um enunciador-individual, identifica socialmente sua obra, por meio de um nome que não é usado pela primeira vez, como demonstra a história das enunciações anteriores, mas o esquecimento que marca o processo de agenciamento o faz parecer único. Essa nomeação está vinculada a acontecimentos que marcaram a história do locutor, os momentos de amamentação em que outros gestos maternos, além da alimentação, significaram sua vida.

Analisando os sentidos construídos pelo funcionamento do sintagma preposicionado que constitui a formação desse nome (*Leite do Peito* e não Leite de Peito ou Leite Materno), é possível dizer que a preposição constituída por um artigo definido produz o sentido de que o peito do qual se fala não é qualquer seio materno, mas um seio específico, pertencente a um corpo conhecido pelo locutor-filha, o corpo da sua mãe. A preposição, desse modo, faz com que o nome funcione como diferente daquele que já fora enunciado, mesmo estando articulado a uma enunciação passada, recortando tanto o memorável relacionado ao alimento, quanto o memorável relacionado à afetividade, já que a expressão linguística *do peito* também é constituída de sentidos que remetem aos sentimentos, aos gestos de carinho entre duas ou mais pessoas.

2. BETINA (NILMA LINO GOMES)

O acontecimento da nomeação desta/nesta escrita de si se dá, inicialmente, pela enunciação do pai/da mãe, que ao falar do lugar social da paternidade/maternidade retomam histórias de enunciações religiosas para identificar socialmente a filha. Afetado por esse lugar enunciativo familiar, o Locutor responsável por esse relato de vida é agenciado a falar do lugar social de locutor-escritor, para nomear a história que se responsabiliza por contar.

Nomear a escrita de si com o nome da protagonista, ao mesmo tempo que produz o sentido de entrelaçamento entre a história e a pessoa, também constrói sentidos que encaminham para a compreensão de que a menina *Betina* é a configuração de outras crianças negras que, assim como ela, possuem o direito de conviver em um ambiente em



que a autoestima, o respeito, o carinho, o amor, as brincadeiras de infância, as narrativas sobre seus ancestrais constituam suas vidas de outras significações, produzam a autoconfiança necessária nos embates contra o preconceito e o racismo.

3. PEDRO NOITE (CAIO RITER)

Assim como na escrita de *Betina*, o nome *Pedro* constitui o acontecimento da nomeação do menino, que se dá do lugar social da paternidade/maternidade, e o acontecimento da nomeação da sua história, que se dá do lugar social de locutor-escritor.

Na primeira enunciação, ele é *Pedro*, nome que se relaciona com outras enunciações, transportado do nome de um santo católico, ou de nomes de figuras monárquicas que governaram este país no período do Império. Na segunda enunciação, o gesto de nomeação da escrita de si, como *Pedro Noite*, se configura de modo a significar o segundo nome como sobrenome, especificando quem é esse *Pedro* cuja vida o locutor-escritor vai narrar, ao mesmo tempo que constrói sentidos que identificam esse sujeito como negro, já que o substantivo *noite* recorta memoráveis de tons mais escuros, assim como a pele retinta desse protagonista. Desse modo, enquanto o nome *Pedro* tem uma ligação com outras histórias de enunciações, o nome *Noite*, funcionando como sobrenome, configura-se como uma enunciação primeira.

4. QUARTO DE DESPEJO (CAROLINA MARIA DE JESUS)

Quarto de Despejo é um nome que mobiliza enunciações que recortam memoráveis de espaços onde se amontoam coisas que não servem mais para se utilizar; também é onde se deposita objetos ainda utilizáveis, mas com estado tão deplorável que precisam ser guardados em um lugar em que não sejam vistos. Agenciada por esses acontecimentos, Carolina Maria de Jesus produz, do lugar social de locutor-cidadã, ancorado em um enunciador-universal que estabelece uma verdade sobre algo ou alguém, um sentido para a favela: um *Quarto de Despejo*, um quintal onde jogam os lixos considerados indignos de conviverem com os que habitam no jardim, no palácio, na sala de visitas (como ela denomina a cidade de São Paulo).

Esse nome, *Quarto de Despejo*, é retomado para nomear o diário narrado por Carolina, agenciada em locutor-escritor, trazendo para o presente histórias de enunciações que fazem uma crítica social ao modo como as pessoas que vivem na periferia são olhadas pelos órgãos públicos e por quem habita lugares alcançados pelas



políticas públicas. Desse modo, o nome da escrita de si de Carolina Maria de Jesus significa a favela do Canindé como o lugar dos excluídos, dos corpos significados por algumas pessoas que vivem na *sala de visitas* como trastes sem valor, dignos de habitarem um quarto de despejo.

PALAVRAS-CHAVE: Sentidos. Nomeações. Escritas de Si.

CONCLUSÕES

As análises demonstram que a nomeação das escritas de si se dá por meio do agenciamento daquele que as nomeia, o qual é afetado por uma história de enunciações. São nomes que produzem sentidos para as narrativas, estabelecendo uma relação histórica entre enunciações do presente e enunciações do passado, projetando uma futuridade, criando a possibilidade de outras enunciações.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel [1983]. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 3. ed. Tradução: Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GUIMARÃES, Eduardo [2002]. **Semântica do acontecimento:** um estudo enunciativo da designação. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica, enunciação e sentido.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro:** autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. Orientador: Ítalo Moriconi Júnior. 2006. 204 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=124. Acesso em: 20 mar. 2020.

KLINGER, Diana Irene. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, v. 10, n. 12, p. 11-30, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415542249.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2020.

2768